

Evolução do Fórum dos Institutos de Pesquisa do MCTI

Augusto Gadelha, Fernando Lins, Fernando Rizzo, João dos Anjos (ex-Diretores do LNCC, CETEM, INT e ON) e Cecília Leite (Diretora do IBICT)

1. ANTECEDENTES

A tentativa de formação de um Fórum dos Institutos de Pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) remonta ao final dos anos 1990. Um fórum sempre informal, registre-se.

Lembremos, inicialmente, que 10 institutos estavam no CNPq em 1998: Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), Centro de Tecnologia Mineral (CETEM), Centro de Tecnologia da Informação Renato Archer (CTI), Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), Laboratório Nacional de Astrofísica (LNA), Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e Observatório Nacional (ON), assim como a organização social Laboratório Nacional de Luz Síncrotron (LNLS) – atual integrante do Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM). Eles foram transferidos para o MCTI em janeiro de 1999. Os seguintes institutos já eram integrantes do ministério e ficaram todos sob a supervisão da recém-criada Secretaria das Unidades de Pesquisa (SECUP): Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e Instituto Nacional de Tecnologia (INT). Em 2002, foram constituídas as organizações sociais: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (Mamirauá), Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) e Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE). Em 2013 foi constituída a organização social Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (EMBRAPII).

Em janeiro de 2003, a SECUP foi transformada em Subsecretaria das Unidades de Pesquisa (SCUP), ligada à Secretaria Executiva. Em agosto de 2016, mudou de nome para Subsecretaria de Unidades Vinculadas (SUV), mantendo-se subordinada à Secretaria Executiva e estendendo a supervisão a outras unidades vinculadas do MCTI, como a Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN).

O contato entre os diretores dos institutos geralmente se dava durante as duas ou três reuniões anuais promovidas pela Diretoria das Unidades de Pesquisa (DUP) do CNPq e, a partir de 1999, pela SECUP. O local da reunião era geralmente em Brasília ou em algum dos institutos. Com uma pauta intensa, havia pouco tempo para interação entre os dirigentes.

Em 2000, alguns diretores dos institutos localizados no Rio de Janeiro iniciaram o hábito de se encontrar a cada dois meses, ou a cada crise, para conversar sobre as questões

comuns e relacionadas com a administração central, o MCTI. Temas como orçamento, contingenciamento, concurso, avaliações dos institutos (à época pela conhecida Comissão Tundisi), Programa de Capacitação Institucional (PCI), entre outros, eram frequentes nas reuniões, como são até hoje. Foi importante para isso a liderança do Diretor do ON e do MAST, Prof. Waldimir Pirró e Longo.

Alguns consensos eram estabelecidos para uma ação comum. Embora se tenha cogitado a possibilidade, não chegou a acontecer participação nas reuniões de diretores de institutos de pesquisa localizados fora do Rio de Janeiro.

As reuniões ocorriam no ON e encerravam-se sempre com um almoço (bacalhau) no restaurante Cidade do Porto, no bairro de São Cristóvão. Esses encontros foram descontinuados no final de 2003, com a aposentadoria do Prof. Longo. O nascente fórum, então apenas carioca, se dissipou. Mas os almoços se estenderam no tempo. Foi criada a Confraria do Bacalhau, que se reunia três ou quatro vezes por ano para almoço no mesmo restaurante e juntava alguns dos diretores e ex-diretores dos institutos do Rio de Janeiro¹, bem como profissionais da Finep e professores da UFF, entre outras pessoas amigas do Prof. Longo. A Confraria foi descontinuada em 2010, retomada em 2012 e teve sua última reunião em 2018.

Nesse ínterim, novos institutos foram criados no MCTI e estão em operação: Instituto Nacional do Semiárido (INSA), por decreto, em outubro de 2005; Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (CEMADEN), por decreto, em julho de 2011; Instituto da Mata Atlântica (INMA), transferido do Ministério da Cultura, e Centro de Tecnologias Estratégicas do Nordeste (CETENE), criados por lei, em janeiro de 2014 (o CETENE funcionava havia alguns anos como uma coordenação-geral do INT).

Em julho de 2015, por ocasião da reunião anual da SBPC em São Carlos, quando se celebrou o 30º aniversário de criação do MCTI, houve uma reunião de trabalho dos diretores dos institutos de pesquisa e a SUV com o ministro. (Esses encontros se repetiram nas reuniões anuais seguintes da SBPC.) Algumas inovações tecnológicas con-

¹ O convite para os almoços da Confraria do Bacalhau partia de Sergio Fontes (ON) e do Prof. Longo, sendo que Fernando Lins (CETEM), João dos Anjos (CBPF), Alfredo Tolmasquim (MAST) e João Selasco (INT) eram os frequentadores mais habituais nos almoços naquela fase. Na retomada da Confraria, em 2012, os convites partiam de João dos Anjos (ON), Fernando Lins (CETEM) e do Prof. W. P. e Longo.

tribuíram muito para a aproximação dos diretores, como a disseminação do *smartphone* e a popularização do aplicativo *WhatsApp* no Brasil. Em setembro de 2015 foi criado um grupo de *zap* com os diretores dos institutos do Rio de Janeiro. Logo depois, em outubro de 2015, foi criado outro grupo com os diretores dos institutos de todo o país, com a adesão ocorrendo aos poucos e completando-se nos meses seguintes. Curiosamente, dois colegas diretores não usavam o *WhatsApp* de forma alguma, a despeito dos insistentes pedidos, e foram representados no grupo pelos substitutos.

Em janeiro de 2016, houve a posse de Shellard como Diretor do CBPF. Ele rapidamente se aproximou dos diretores dos institutos localizados no Rio de Janeiro, bem como incentivou mesmo a visita dos colegas aos demais institutos, ele sempre presente.

2. CBPF: PONTO DE ENCONTRO DOS DIRETORES DO RIO DE JANEIRO NO FINAL DA TARDE

Já a partir de outubro de 2015, a instabilidade política se acentuara e nos nove meses seguintes verificava-se a posse de três novos ministros no MCTI, afetando fortemente seus institutos de pesquisa. Em 2016, tem início uma série de reuniões no CBPF, com a presença dos diretores dos institutos do Rio de Janeiro e participação *online* de dirigentes de alguns institutos do país para discutir questões comuns e traçar estratégias para uma atuação coordenada. Em outubro de 2016 uma comunicação mais ágil e maior interação entre a SUV e os diretores foram propiciadas pela criação de outro grupo no *WhatsApp* com a participação do subsecretário e dos coordenadores. Shellard mostrava que sua qualidade de liderança estava à altura dos desafios da ocasião.

As reuniões no CBPF não seguiam um calendário planejado, sendo convocadas para discutir pontos específicos, normalmente relacionados com demandas do ministério ou dificuldades orçamentárias. Embora houvesse um interesse manifesto de discutir de forma mais profunda questões como o modelo de gestão, financiamento e o quadro de pessoal dos institutos, as reuniões não conseguiam ultrapassar, ou mesmo cumprir, os temas da agenda. Mas sobrava sempre a atmosfera descontraída e cordial que marcava cada encontro, fazendo com que se tornasse uma prática usual e apreciada, contribuindo para consolidar a camaradagem.

Para os diretores de institutos sediados no Rio de Janeiro (eventualmente, os diretores do IBICT, CTI e INMA deslocavam-se para esses encontros), essas reuniões, ao final da tarde, passaram a se tornar um ponto de encontro durante os quatro anos seguintes, até a chegada da pandemia de Covid-19 no Brasil. Ao final das reuniões havia o congoçamento com um bom vinho ou rum trazido pelos diretores de alguma viagem. (Há controvérsias sobre se a reunião terminava com o vinho ou vice-versa, se o vinho antecipava o fim da reunião.)

3. LIDERANÇA DO SHELLARD

A liderança do Shellard dentre seus colegas diretores dos institutos de pesquisa se fazia de forma natural, fruto de suas iniciativas no sentido de maior agregação e fortalecimento

desses institutos. A ideia de criar um Fórum de Institutos de Pesquisa foi renascida com essa aproximação.

Mesmo de maneira informal, tal fórum foi efetivamente constituído com as Unidades de Pesquisa (UPs) e algumas Organizações Sociais (OSs) vinculadas ao MCTI, com o Shellard nos representando. Esse fórum se consolidou como um instrumento de representação junto ao MCTI e em ações de apoio à Ciência e Tecnologia e começamos a participar, com maior frequência e de forma mais organizada, das audiências públicas e demais atividades políticas relacionadas à C&T, especialmente aquelas oriundas do Poder Legislativo. Nesta condição, como “presidente” do Fórum, Shellard atuou em ações de Iniciativa para a Ciência e Tecnologia no Parlamento (ICTP.br), liderada pelo ex-ministro Celso Pansera, junto à Frente Parlamentar de Ciência, Tecnologia e Inovação do Congresso Nacional, acompanhando os presidentes da Academia Brasileira de Ciências (ABC), da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES)...; por exemplo, na luta pela aprovação da Lei Complementar com a finalidade de proteger o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) de cortes e contingenciamentos, entre outras batalhas.

Essa aproximação nos levou a convidar parlamentares para conhecerem melhor os institutos e, assim, contarmos com o apoio do Congresso sempre que necessário, “em melhores condições de temperatura e pressão”, como diriam os nossos químicos e o próprio Shellard. Ele também tomou a iniciativa de redigir cartas, tendo todos os diretores como signatários, endereçadas a ministros do MCTI e a parlamentares, em defesa dos institutos do MCTI.

Era tema sempre presente nas falas, palestras, conversas e lutas do Shellard a importância dos institutos de pesquisa do MCTI para o progresso do País. A relativa pouca visibilidade dos institutos, o desconhecimento do que fazem e do grande potencial que apresentam para o desenvolvimento de soluções para os mais variados problemas nacionais era, uma realidade que precisava mudar e nós tínhamos que fazer a nossa parte. Assim, o engajamento dos institutos em ações políticas, no que diz respeito à legislação, à participação em debates e aos movimentos pertinentes às áreas de C&T, passou a ser mais frequente.

4. A PANDEMIA E O HAPPY HOUR

Em fevereiro de 2020, todos os diretores dos institutos estiveram por três dias em atividades no MCTI, em Brasília. Foi o último encontro presencial antes de se reconhecer oficialmente a pandemia de Covid-19 no Brasil, mas o vinho presente nas nossas reuniões no CBPF não desapareceu.

Em março de 2020, por iniciativa do Shellard, os diretores passaram a ter encontros virtuais em todas as sextas-feiras às 18 horas. Tais encontros passaram a ser denominados de *happy hour* dos diretores, apesar da preferência do Shellard em chamá-lo de “hora feliz” ou “bar dos amigos”, sempre no desejo de criar uma aproximação maior entre os diretores, mantendo aberta a porta do recinto para os ex-diretores que tinham sido “sócios-fundadores” do “bar”.

A cada semana, Shellard sempre enviava o convite para

o *happy hour* com uma mensagem galhofeira, em e-mail ou *WhatsApp* do grupo, do tipo “os copos estão tilintando”, “já em *delirium tremens*”, “*thank God, it’s Friday*” e sempre, no início da reunião virtual, convidava todos a fazerem um brinde com uma taça de vinho.

Para convidados externos (e tiveram muitos, entre os quais, com frequência, o Subsecretário da SUV) ele avisava que se tratava de um encontro no qual era proibido falar em assuntos sérios, na tentativa de criar um ambiente amistoso e relaxante, mas sempre questões importantes e sérias entravam na roda de conversa.

Esses encontros virtuais foram retomados após seu passamento, em 7 dezembro de 2021, e o *happy hour*, ou “hora feliz” como ele preferia, foi rebatizado de **Bar do Shellard**. Mesmo não tendo mais o Shellard no comando presencial do nosso fórum, suas ideias e valores permanecem tão vivos quanto antes, por certo inspirando a nova geração de diretores que com ele ainda conviveram², e deixando claro que sua liderança transcende tempo e espaço, e que seu legado é para sempre.

APÊNDICE

Shellard nos Conselhos Técnico-Científicos (CTC) dos Institutos de Pesquisa do MCTI: Depoimentos

Laboratório Nacional de Astronomia (LNA)

Período: Maio de 2016 a maio de 2018 e agosto de 2020 a dezembro de 2021

Bruno Castilho (ex-Diretor) e Wagner Corradi (Diretor)

A escolha do Prof. Dr. Ronald Shellard para compor o Conselho Técnico-Científico (CTC) do LNA, por duas vezes, se deu não apenas em função de sua atuação no campo da astrofísica de partículas pelo CBPF, mas também por sua larga experiência como gestor público. Sua visão do Sistema Nacional de CTI, da missão e da importância das Unidades de Pesquisa do MCTI, no cenário nacional e internacional, trouxe uma contribuição inestimável para o planejamento estratégico e para o cumprimento da missão do LNA. A parceria LNA-CBPF, que já era boa, foi ainda mais reforçada na sua gestão, com o CBPF e o LNA organizando juntos encontros científicos para o SOAR (*The SOAR Telescope The Southern Astrophysical Research*) e para os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).

O Prof. Shellard participou do comitê de busca para escolha do novo diretor do LNA para a Gestão 2020-2024. Sempre muito habilidoso e paciente, estava sempre disponível para conversar com muito bom humor e um refinado senso crítico. Defensor incansável do papel dos ins-

titutos de pesquisa do MCTI no desenvolvimento da C&T brasileira, ele estimulou várias ações para garantir o papel de liderança e a continuidade da missão dos institutos junto ao MCTI e ao Congresso Nacional.

Instituto da Mata Atlântica (INMA)

Período: Agosto de 2020 a dezembro de 2021

Sérgio Lucena (Diretor)

Ronald Shellard, um artista da ciência: Ao assumir a direção do INMA tive o prazer de me tornar amigo de um dos mais emblemáticos líderes da ciência brasileira de áreas diferentes da minha, a exemplo do físico Ronald Shellard, então diretor do CBPF. Logo fiquei sabendo da relevância do Shellard para a ciência brasileira, mas, acima de tudo, ele me impressionou pela simpatia, generosidade e espírito colaborativo.

Atuando com simplicidade, Shellard exercia um papel de porta-voz dos diretores e mesmo da ciência nacional, seja no âmbito do MCTI, seja no âmbito parlamentar. Quando tive oportunidade, convidei o Shellard para o CTC do INMA. Sua dedicação ao CTC/INMA ficou evidente tanto nas reuniões de que participava ativamente, sempre com propostas e ideias desafiadoras, quanto em diversas reuniões entre os diretores e a equipe do MCTI. Ao destacar que o Brasil precisa apoiar seus institutos de ciência e tecnologia, Shellard citava sempre o exemplo do INMA: “Vejam o tamanho e relevância da Mata Atlântica brasileira. É fundamental termos um instituto à altura desse desafio”.

Um dos meus momentos mais agradáveis com o Shellard foi durante a inauguração do Mural-Grafite da Ciência no CBPF. A fantástica obra de arte de 240 m² foi, certamente, uma construção coletiva da equipe do CBPF, executada pela jovem e brilhante artista Gabriela Tores. Mas a idealização e concretização de uma iniciativa dessa natureza não aconteceriam, obviamente, sem ter à frente um intelectual da estatura de Ronald Shellard. A ciência e a arte tão eloquentes naquele muro prestam, a cada dia, uma homenagem à memória desse grande artista da ciência.

Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)

Período: Agosto de 2020 a janeiro de 2021

Anelise Pacheco (ex-Diretora)

Apesar de não ter conhecido o Ronald quando ingressei na PUC-Rio, em 1981, para cursar Física, ele vivia me perguntando se não havia sido meu professor. Como diz o ditado popular: “amigo não se faz, se reconhece”. E, desde o início de nosso convívio, estabeleceu-se uma forte conexão de amizade e empatia entre nós. Depois de muito tempo na área de humanas, o retorno a um ambiente acadêmico de exatas, onde os físicos, em especial, são conhecidos por seu rigor e arrogância característicos, o encontro com um físico que também fazia uso do humor e do humanismo fez com que eu fizesse do Ronald meu conselheiro para todo e qualquer assunto relacionado ao MAST.

² De 2020 até o início de 2022, uma nova geração de diretores assumiu a gestão de vários dos institutos de pesquisa do MCTI: Antônia Franco (INPA), Clézio de Nardim (INPE), Fábio Borges de Oliveira (LNCC), Giovanna Machado (CETENE), Iêda Caminha (INT), Jailson Alcaniz (ON), Marcio Rangel (MAST), Mônica Tejo (INSA), Sílvia França (CETEM) e Wagner Corradi (LNA).

Ao convidá-lo para integrar o CTC do MAST, ele me respondeu da seguinte forma: “Anelise, fico honrado em participar do CTC do MAST. E terei a companhia de grandes amigos, além do grande amigo Gadelha que dirige o LNCC em terras petropolitanas, a Maria Alice, amiga de conspirações puquianas, a Marcia, parte de um grupo de físicas gaúchas que querem dominar o mundo (tento resistir, mas elas são mais inteligentes), o querido Luiz Alberto Oliveira, com a cabeça sempre no amanhã. Todos sob sua batuta, sempre cheia de imaginação”.

Ronald tinha especial talento para agregar pessoas e vocação para liderar. No nosso grupo de diretores, no CTC do MAST, na concepção da exposição Álvaro Alberto, o Ronald naturalmente assumia a posição de liderança do grupo, prescindindo qualquer votação. E me apoiou nas questões administrativas e pessoais do MAST como um irmão mais velho, não poupando esforços para compartilhar toda a experiência de gestor público e sabedoria de grande cientista. Na minha carta de despedida aos colegas diretores escrevi que a melhor coisa que me aconteceu nos meus três anos de mandato foi ter tido o convívio quase que semanal nos encontros de diretores, às sextas-feiras, liderados pelo Ronald, com tantos dirigentes diferentes de personalidade, excepcionais em suas áreas e de especificidades distintas, me proporcionando uma visão bastante ampla da ciência de ponta hoje no Brasil.

Passado o calor dos acontecimentos, hoje sou quase grata por ter precisado deixar o MAST em fevereiro de 2021. Pois eu não saberia como prosseguir no momento atual, na área da gestão pública, sem o mentor/conselheiro que a vida me deu por um breve, mas valioso, período de tempo.

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Período: Novembro de 2019 a dezembro de 2021
Cecília Leite Oliveira (Diretora)

Homenagear e compartilhar minhas vivências com Ronald Shellard é uma honra e uma grande alegria, pela sua notoriedade científica e excelência na gestão pública brasileira; pela sua capacidade de liderança, grandeza de espírito e pelo requintado senso de humor. Como dito por outros colegas, ele também engrandeceu o CTC do IBICT com sua participação como conselheiro, sua atuação nas avaliações, análises e propostas no âmbito das questões técnicas, políticas e administrativas pautadas em nossas reuniões, deixando um grande vazio diante de sua partida para outras experiências e traquinagens metafísicas.

Eu tive o privilégio de conhecer o Shellard em 2016, em uma reunião da SBPC, quando fui apresentada ao diretor do CBPF. Eu diria que esse encontro não foi apenas uma formalidade; o sentimento foi de reencontrar um velho amigo que não via há muito tempo. Essa certeza de que já o conhecia, para, portanto, confiar e compartilhar conspirações, como ele dizia quando me telefonava para conversas diversas, foi algo natural e imediato em nossa relação profissional e de amizade. Creio que, de alguma maneira, isso acontecia com frequência com quem o

conhecia, pois, por conta de sua grandeza humana e refinada percepção das coisas e das pessoas, ele emanava esses sentimentos de confiança e amizade. No meu caso, minha relação com o Ronald – é assim que Maria Elisa se refere ao Shellard – foi fortalecida com a presença dela, sua musa inspiradora, com quem dividia as agruras e as alegrias da vida e com quem compartilho uma bela amizade.

Quando começaram os encontros de fim de tarde dos diretores das Unidades do Rio, logo me incorporei, até porque o IBICT tem um *campus* no Rio, no próprio CBPF, o que justificava meu pertencimento ao grupo. Desses encontros, não posso deixar de ressaltar as grandes amizades que dali surgiram a partir de discussões sérias, conversas diversas, regadas a vinho e muito bom humor. Esses encontros foram fortalecendo a ideia do Fórum, e estrategicamente se transformaram nas famosas *happy hours* das sextas, às 18 horas. O Shellard costumava me telefonar para “conspirarmos”, como ele dizia, e a ideia da *happy hour* gerar o novo Fórum foi uma dessas conspirações.

Sendo o IBICT o único instituto com sede em Brasília, eu fazia o meio de campo das nossas ações, sempre que necessário, junto ao mundo político de Brasília, assim como os demais diretores faziam em seus respectivos estados. Foram vários encontros com congressistas, deputados e senadores, articulados por diferentes diretores, para apresentarmos nossos institutos. Foi uma iniciativa importante para todos nós, sob vários pontos de vista, fruto das discussões em nossas *happy hours*, hoje batizadas como “Bar do Shellard”.